

Muitos cristãos, em particular os protestantes, creem funcionalmente que o Novo Testamento é a verdadeira Bíblia. De modo hesitante talvez acrescentem o livro de Salmos. Em *Encontrando Cristo no Antigo Testamento*, Edmund Clowney nos mostra o quanto essa visão da Bíblia é pobre; na verdade, o quanto é pobre essa visão do próprio Cristo. Pois Cristo não foi somente previsto no Antigo Testamento, mas está entrelaçado em todo o seu tecido. Não haveria Messias algum, nenhum Filho de Deus, nenhum caminho, nenhuma verdade e nenhuma vida no Novo Testamento sem tudo o que ocorreu no Antigo Testamento. Nessa obra, o Dr. Clowney apresenta Jesus de modo eloquente, até apaixonado, como o salvador de pecadores, seu defensor e amigo. Esse é um livro para ser lido lentamente, pois contém tesouros incontáveis e percepções espirituais.

**William Edgar**, professor de Apologética do Westminster Theological Seminary, Filadélfia, Estados Unidos.

Em sua caminhada de Jerusalém a Emaús, dois discípulos abatidos tiveram seu coração despedaçado transformado em um coração ardente quando o Homem Estranho lhes mostrou nas Escrituras de Israel o plano de Deus para seu amado Cristo: ele precisaria passar através do sofrimento para a glória, a fim de redimir seu povo. Ao longo dos últimos 25 anos, *Encontrando Cristo no Antigo Testamento*, de Edmund Clowney, tem guiado milhares de leitores pelo mesmo caminho, através do Antigo Testamento, no qual Jesus guiou aqueles dois, substituindo sonhos despedaçados por uma alegria confiante. Venha, encontre o Herói de toda história — o último Adão, o filho prometido de Abraão, o Servo do Senhor, a Rocha ferida para dar vida a outros, o rei-guerreiro ungido, o príncipe da paz, o Senhor, cuja vinda aguardada há tanto tempo nos trouxe salvação. À medida que encontra Cristo em todo o Antigo Testamento, você encontrará o Espírito dele inflamando o seu coração com amor por ele, que tanto o amou e ainda ama.

**Dennis E. Johnson**, professor de Teologia Prática do Westminster Seminary California, Escondido, Estados Unidos; autor de *Him we proclaim: preaching Christ from all the Scriptures*; editor de *Heralds of the King: Christ-centered sermons in the tradition of Edmund P. Clowney*.

Com tantos livros sobre pregação já publicados e com tantos sermões disponíveis online, por que mais um? Porque esse livro apresenta algumas das observações mais refinadas para aqueles que estão ansiosos por aprender mais acerca da pregação e do ensino expositivos centrados em Cristo que tocam a cabeça, o coração e as mãos. Ed Clowney demonstra com clareza, convicção e compaixão tudo o que um mensageiro do Rei Jesus é chamado a fazer e a ser. É um livro que deve ser lido e relido não somente para o aprimoramento profissional na pregação e no ensino, mas também — e talvez de modo primordial — como alimento espiritual à medida que nos impulsiona para frente e para cima em direção ao Cristo ressurreto e exaltado, o “mistério desvendado” glorioso de todas as Escrituras.

**Julius J. Kim**, deão de estudantes, professor adjunto de Teologia Prática do Westminster Seminary California, Escondido, Estados Unidos.

O Dr. Clowney magnifica a fascinação do santo refrão da Bíblia: contemple a Cristo, o supremo profeta, sacerdote e rei! Nossa fé cresce na proporção direta de nossa compreensão da pessoa e obra de Cristo. Não consigo me lembrar de outro livro, exceto a própria Bíblia, que tenha aprimorado mais minha clareza mental e inflamado a alegria do meu coração em meu Salvador.

Nessa segunda edição, dois herdeiros da aliança — o avô Ed Clowney e a neta Eowyn Stoddard — unem esforços tanto para corporificar quanto para expressar bênçãos factuais nessa obra gloriosa que magnifica aquele que estabelece a aliança. Este é um tesouro a ser saboreado lentamente com espírito de oração. Lê-lo rapidamente implica privar a si mesmo de alguns dos paladares mais doces da graça e da verdade bíblicas que a Palavra de Deus revela acerca de nosso amado Rei e Salvador. Ó, venha, prove e veja que o Senhor efetivamente é bom!

**Joe Novenson**, pastor titular de ensino da Lookout Mountain Presbyterian Church, Lookout Mountain, Tennessee, Estados Unidos.

Ao ler o Antigo Testamento, muitos cristãos enxergam narrativas sem muita conexão entre si que são entendidas como histórias alegres e histórias tristes que nos ensinam como devemos e não devemos viver.

Mas deixamos escapar a grande narrativa que abarca toda a Bíblia — o relato de como a humanidade tinha tudo, perdeu tudo, e como Deus levantou uma nação para retomar tudo o que havia sido perdido. Em *Encontrando Cristo no Antigo Testamento*, Edmund Clowney nos mostra como os tropeços e os embaraços de Israel conduzem a um homem, Jesus Cristo, em quem todas as narrativas do Antigo Testamento convergem para formar a história mais grandiosa da retomada de todas as coisas que Deus planejou para seu povo. Edmund nos capacita a enxergar o Antigo Testamento como uma única narrativa eletrizante que nos conduz a Jesus, o restaurador de tudo que foi perdido e que guia o seu povo para algo além do que ousa imaginar.

**Joseph (Skip) Ryan**, chanceler e professor de Teologia Prática do Redeemer Seminary, Dallas, Austin, Houston, Estados Unidos.

# SUMÁRIO

<i>Prefácio de J. I. Packer</i> .....	11
Introdução.....	13
1. O novo homem .....	21
2. O Filho da mulher .....	39
3. O Filho de Abraão.....	47
4. O herdeiro da promessa .....	65
5. O Senhor e seu Servo.....	93
6. A Rocha de Moisés.....	115
7. O Ungido do Senhor .....	137
8. O Príncipe da Paz .....	175
9. O Senhor vindouro .....	189
<i>Índice de passagens bíblicas</i> .....	215

## PREFÁCIO

A Bíblia é uma unidade. Essa é, talvez, a característica mais surpreendente de todas as suas características impressionantes. Ela consiste em 66 unidades individuais, escritas ao longo de mais de mil anos em contextos culturais muito diferentes, por pessoas que em grande parte trabalharam de maneira independente umas das outras e não demonstraram consciência de que seus livros se tornariam as Escrituras canônicas. Os livros em si são de todos os tipos: poesia se acotovelando com prosa, hinos ombro a ombro com história, sermões com estatísticas, cartas com liturgias, visões vividas com canções de amor.

Por que encadernamos essa coleção entre duas capas, a denominamos *As Escrituras Sagradas* e a consideramos um só livro? Um motivo para fazê-lo — um de muitos — é que a coleção como um todo, uma vez que passamos a examiná-la, evidencia uma coerência orgânica que impressiona. Livros escritos em intervalos de séculos uns dos outros parecem ter sido planejados claramente para complementar e iluminar uns aos outros. Ao longo de todo o livro há um protagonista (Deus Criador), uma única perspectiva histórica (a redenção do mundo), um personagem central (Jesus de Nazaré, que é tanto Filho de Deus quanto Salvador) e um corpo consistente de ensino harmonioso acerca de Deus e da piedade. Certamente, a unidade interna da Bíblia é milagrosa: um sinal e um milagre que desafia a incredulidade de nossa era cética.

A teologia bíblica é a denominação abrangente das disciplinas que examinam a unidade e a harmonia da Bíblia, aprofundando-se

no conteúdo dos livros, mostrando as conexões entre eles e indicando o fluxo contínuo do processo de revelação e de redenção que alcançou o seu ápice em Jesus Cristo. A exegese histórica, que investiga o que o texto significava e suas implicações para seus primeiros leitores, é uma dessas disciplinas. A tipologia, que analisa padrões de ação, de agência e de instrução divinas que encontraram seu cumprimento final em Cristo, é outra.

Nessas duas artes, Edmund Clowney é mestre com vasta experiência, combinando em si a sobriedade de uma mente sábia e erudita com a exuberância de um coração caloroso e adorador. *Encontrando Cristo no Antigo Testamento*, um estudo da estrutura do Antigo Testamento para compreender Jesus, é obra clássica de Clowney.

A importância desse tema — o Antigo Testamento apontando para Cristo — é enorme, embora por meio século os professores de Bíblia, possivelmente estrangidos pela memória de iniciativas por demais fantasiosas relacionadas à tipologia no passado, não se ocuparam muito com ele. (Sua importância permanente, podemos dizer, é proporcional à sua negligência atual!) Por este motivo, a abordagem admirável desse assunto pelo Dr. Clowney deve ser muito valorizada. Ela preenche uma lacuna e supre uma necessidade premente.

Tenha certeza de que seu coração será tocado e sua mente clareada conforme você se debruça sobre este livro.

Dr. J. I. Packer

## INTRODUÇÃO

“A história mais grandiosa já contada” — esse título tem sido usado para a Bíblia e com bons motivos. A Bíblia é o livro de histórias mais impressionante não só porque é repleta de histórias maravilhosas, mas porque conta uma história grandiosa, a história de Jesus. Essa história ainda está sendo contada a milhares que a ouvem pela primeira vez — talvez em um apartamento de Hong Kong ou em um alojamento estudantil de uma universidade nos Estados Unidos.

Mas em que lugar da Bíblia essa história muito antiga começa? Não na manjedoura de um estábulo em Belém, mas antes disso. Quanto antes? O Evangelho de Lucas inicia a história pelo menos um ano antes do nascimento de Jesus.

Um sacerdote idoso, Zacarias, estava em pé diante do altar de incenso no Templo de Jerusalém. De repente, ele não estava mais sozinho no santuário. Um anjo estava ao seu lado: “Não temas, Zacarias; a tua oração foi ouvida” (Lc 1.13). Então o anjo anunciou a Zacarias que ele teria um filho, João. A maravilha não era só que um casal idoso sem filhos agora teria um filho, mas que este seria profeta. Séculos haviam passado desde que Deus havia falado por meio de profetas. Mas Deus tornaria João como o antigo profeta Elias. João seria o precursor do Senhor que estava por vir.

Certamente o anúncio do anjo a Zacarias não era o começo para Lucas, embora ele tenha iniciado a história nesse ponto. O nascimento de João cumpriu uma antiga profecia: “Vejam, eu enviarei a vocês o profeta Elias, antes do grande e temível dia do SENHOR”

(Mt 4.5). Essa profecia encontra-se na última página do Antigo Testamento. Mas esse também não é o início.

Para descobrir o início da história, precisamos retroceder para ler a respeito de Elias e observar como ele preparou a vinda do Senhor. Até onde devemos retroceder para iniciar no ponto em que a história efetivamente começou? Lucas nos oferece uma resposta impressionante quando apresenta a genealogia oficial de Jesus (Lc 3.23-38). A linha régia remonta a Zorobabel, Natã, Davi, à tribo de Judá, depois a Abraão, em seguida a Sem, Noé e Sete, “o filho de Adão, o filho de Deus”.

Lucas quer nos fazer entender que a história de Jesus começa com a história da humanidade. Jesus era o Filho de Adão, o Filho de Deus. Para entender sua história, precisamos iniciar com a primeira página da Bíblia. Na verdade, João, na introdução ao seu Evangelho, retrocede ainda mais: “No princípio era a Palavra, e a Palavra estava com Deus, e a Palavra era Deus” (1.1). João dá testemunho de que Jesus é o Alfa e o Ômega, o Primeiro e o Último, o Criador e o Propósito de toda a história (Ap 22.13,16). João chegou a essa conclusão surpreendente a respeito de Jesus não somente com base em palavras e ações que testemunhou, mas porque veio a reconhecer Jesus como o Senhor da promessa, o Salvador de Israel.

João começa seu Evangelho com “No princípio...” para nos direcionar ao verdadeiro início da história, muito tempo atrás. Ele escreve para que creiamos que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus (Jo 20.31). A fim de entender o que João quer dizer, precisamos examinar algo que ele conhecia muito bem: a história do Antigo Testamento.

Qualquer pessoa que ouviu as histórias bíblicas lhe sendo lidas enquanto criança, sabe que há histórias grandiosas na Bíblia. Mas é possível conhecer essas histórias e ainda assim não captar a história da Bíblia. A Bíblia é muito mais do que William How afirmou: “uma caixa de ouro em que gemas de verdade estão armazenadas”. É mais do que uma coleção confusa de oráculos, provérbios, poemas, orientações arquitetônicas, anais e profecias. A Bíblia tem uma trama. Ela apresenta um drama que se desenrola. A narrativa segue a história

de Israel, mas não inicia com ela, nem contém o que seria esperado na história de uma nação. A narrativa não homenageia Israel. Antes, com frequência a condena e justifica os juízos mais severos de Deus contra Israel.

A história é a história de Deus. Descreve sua obra de resgatar rebeldes de sua tolice, de sua culpa e de sua ruína. E em sua operação de resgate, Deus sempre toma a iniciativa. Quando o apóstolo Paulo reflete sobre o drama da obra salvadora de Deus, afirma maravilhado: “Pois dele e por ele e para ele são todas as coisas. A ele seja a glória eternamente” (Rm 11.36).

Somente a revelação divina poderia manter um drama que se estende por milhares de anos como se fossem dias ou horas. Somente a revelação divina pode elaborar uma história em que o fim é antecipado desde o início e em que o elemento condutor não é o acaso ou o destino, mas a promessa. Autores humanos podem elaborar ficção em torno de uma trama que conceberam, mas somente Deus pode moldar a história para o seu propósito real e supremo. O propósito de Deus desde o início está centrado em seu Filho: “Ele é a imagem do Deus invisível, o primogênito sobre toda a criação. Pois por ele foram criadas todas as coisas: coisas no céu e na terra, as visíveis e as invisíveis [...]. Todas as coisas foram criadas por ele e para ele” (Cl 1.15,16).

A criação de Deus ocorre *por meio* do seu Filho e *para* seu Filho; da mesma maneira, seu plano de salvação inicia e termina em Cristo. Mesmo antes que Adão e Eva fossem expulsos do Éden, Deus anunciou seu propósito. Ele enviaria seu Filho ao mundo para trazer salvação (Gn 3.15).

Deus não cumpriu seu propósito todo de uma só vez. Ele não enviou Cristo para ser nascido de Eva aos portões do Éden, nem escreveu toda a Bíblia nas tábuas de pedra entregues a Moisés no Sinai. Antes, Deus se mostrou como o Senhor dos tempos e das épocas (At 1.7). A história da obra salvadora de Deus está estruturada em épocas, em períodos de história que Deus determina por sua palavra de promessa. Deus criou por sua palavra de poder. Ele falou

e assim foi feito; ordenou e se concretizou. Deus disse: “Haja luz”, e houve luz (Gn 1.3). Da mesma maneira, Deus falou sua palavra de promessa. Essa palavra não tem menos poder porque é expressa no tempo verbal futuro. As promessas de Deus são certas; elas se cumprirão no tempo determinado (Gn 21.2).

No entanto, embora a história seja a história de Deus e a salvação seja obra dele, homens e mulheres não são meros espectadores. Certamente há momentos em que o povo de Deus é exortado a ficar parado e contemplar o livramento do Senhor (Êx 14.13,14). Mas eles também recebem de Deus a ordem de deixar suas casas e tornar-se peregrinos, de marchar através de desertos sem água e de guerrear contra nações hostis. Ao liderá-los e guiá-los, a graça de Deus os convida à fé nele, ao compromisso de confiar nele de modo incondicional. Uma vez que Deus promete o que fará, seu povo pode confessar alegremente que “a salvação vem do SENHOR” (Jn 2.9). Contudo, uma vez que Deus não faz tudo que promete de uma só vez, a fé de seu povo é provada e testada. Seu anseio torna-se intenso. Por vezes a promessa parece não apenas distante, mas ilusória. Eles tornam-se vítimas de descrença e exclamam: “O SENHOR está entre nós, ou não?” (Êx 17.7).

Os autores do Novo Testamento nos lembram da realidade e da intensidade da fé dos santos do Antigo Testamento. O autor de Hebreus arrola as torturas que sofreram e os triunfos que tiveram, e conclui: “Todos eles morreram na fé, sem ter recebido as promessas, mas as viram de longe e foram persuadidos por elas e as acolheram” (Hb 11.13, KJV).

Para incentivar e fortalecer seus santos que sofriam, o Senhor repetiu suas promessas com frequência. Por meio dos profetas, Deus falou a Israel, denunciando o pecado daqueles que se rebelavam; contudo, pintava retratos muito mais maravilhosos das bênçãos vindouras. O apóstolo Pedro refletiu sobre o ministério daqueles profetas do Antigo Testamento:

A respeito dessa salvação os profetas, que falaram da graça que estava por vir a vocês, investigaram atentamente e com grande cuidado, procurando descobrir o tempo e as circunstâncias para as quais apontava o Espírito de Cristo que neles estava quando predisse os sofrimentos de Cristo e as glórias que se seguiriam a esses sofrimentos (1Pe 1.10,11).

Segundo Pedro, não só os profetas, mas até mesmo os anjos do céu ansiavam perscrutar os mistérios do grandioso plano de Deus.

O drama de Deus não é ficção em seu lento desenrolar ou em sua realização surpreendente. A história da Bíblia é história real, operada na vida de centenas e milhares de seres humanos. Em um mundo em que a morte reinava, eles perseveraram, confiando na fidelidade da promessa divina. Se nos esquecermos da trama do Antigo Testamento, também deixaremos escapar o testemunho de sua fé. Essa omissão elimina o cerne da Bíblia. As histórias da escola dominical são então contadas como versões mais suavizadas das histórias em quadrinhos em que Sansão substitui o Super-homem. O encontro de Davi e Golias então se dissolve em uma versão hebraica antiga de Jack, o matador de gigantes.

Não, Davi não é um pequeno menino corajoso que não tem medo do grande gigante malvado. Ele é o ungido do Senhor, escolhido por Deus para ser o rei e o libertador de Israel. Deus escolheu Davi como o rei segundo o seu próprio coração com o intuito de preparar o caminho para o grande Filho de Davi, nosso Libertador e Defensor. A resposta de Davi aos insultos de Golias nos mostra que Davi foi um guerreiro da fé: “Você vem contra mim com espada, com lança e com dardos, mas eu vou contra você em nome do SENHOR todo-poderoso, o Deus dos exércitos de Israel, a quem você desafiou” (1Sm 17.45).

Porque Davi lutou em nome do Senhor, sua provação e vitória tiveram um significado que vai além da batalha imediata. Ele estava confiante na vitória porque sabia que Deus havia chamado Israel para ser seu povo. Era o Deus das hostes celestiais, mas também o Deus dos exércitos de Israel.

Davi havia sido ungido por Samuel, o profeta. Ele sabia que o Senhor o havia chamado do cuidado das ovelhas de seu pai para tornar-se o pastor de Israel. Davi cumpriu esse papel. Deus concedeu libertação por meio dele não porque era corajoso ou por causa de um arremesso certo com a atiradeira, mas porque ele era escolhido e cheio do Espírito de Deus. Mais tarde, quando prometeu conceder ao Filho de Davi um reinado eterno, Deus deixou claro que o reinado de Davi não era um fim em si mesmo, mas servia para preparar para a vinda do grande Rei.

Dessa maneira, o Antigo Testamento apresenta tipos que prefiguram o cumprimento no Novo Testamento. Um tipo é uma forma de analogia que é peculiar à Bíblia. Como todas as analogias, um tipo combina identidade e diferença. Tanto Davi quanto Cristo receberam poder e governo régios. Apesar da grande diferença entre a realeza de Davi e a de Cristo, há pontos de identidade formal que tornam essa comparação significativa.

Contudo, é exatamente esse grau de diferença que torna os tipos bíblicos peculiares. As promessas de Deus na Bíblia não apresentam um retorno para a era áurea do passado. O Filho de Davi vindouro não é meramente outro Davi. Muito pelo contrário, é tão superior que Davi pode falar dele como Senhor (Sl 110.1). Os estudiosos das Escrituras dos dias de Jesus não conseguiram entender isso. Eles não foram capazes de responder à pergunta de Jesus: “Se, então, Davi o chama de ‘Senhor’ como ele pode ser seu filho?” (Mt 22.45). Tanto Jesus quanto seus adversários sabiam que o Messias prometido devia ser o Filho de Davi. Mas somente Jesus entendeu por que Davi pelo Espírito o tinha chamado de “Senhor”.

Assim, a história de Jesus não se inicia com o cumprimento da promessa, mas com a promessa em si, e com os atos de Deus que acompanharam sua palavra. À medida que voltamos ao início da história, encontramos muito do que o Novo Testamento não nos informa, porque já fomos informados disso. Conforme vemos os juízes que Deus levantou para libertar Israel de seus opressores,

entendemos melhor o que Deus pretendia quando afirmou que vestiria a justiça como couraça e a salvação como capacete, e que ele mesmo seria Juiz e Salvador de seu povo (Is 59.16,17). Quando Deus reduziu o exército de Gideão para somente trezentos homens, reconhecemos que foi Deus que libertou, não o poder das armas. Quando Deus reduziu a força de Israel ainda mais para um único homem, Sansão, vemos que Deus podia libertar por meio de um único Defensor, cujas vitórias em vida foram coroadas por sua conquista na morte.

Ao mesmo tempo, quando voltamos ao início da história, vemos que as diferenças são descomunais não só para nós, mas também para aqueles que recebem as promessas pela fé. O papel de Sansão como juiz apontava para a prometida libertação de Israel de todos os seus inimigos, mas a realização de Sansão foi muito aquém de seu chamado. Na verdade, Sansão foi feito um juiz efetivamente apesar dele mesmo. Por vezes suas libertações vieram em decorrência de dificuldades que ele mesmo criou conforme perseguia mais as mulheres filisteias do que os exércitos filisteus.

Cegado e ridicularizado no templo de Dagom, Sansão, não obstante, morreu como juiz, capacitado pelo Senhor. Ele ficou em pé com suas mãos apoiadas nos pilares do templo, pilares que repousavam sobre bases de pedras talhadas. Então, com ironia amarga, orou por vingança contra os filisteus, muito embora suas últimas palavras fossem: “Que eu morra com os filisteus” (Jz 16.30). Em sua morte, diz o autor sagrado, ele matou mais filisteus do que em sua vida. Aqui as Escrituras nos mostram que Deus pode operar sua libertação mesmo por meio da morte de seu poderoso juiz.

Os fracassos e os pecados de Sansão, muito mais do que suas vitórias, fazem parte da história, pois mostram que alguém maior do que Sansão precisava vir para que as promessas de Deus fossem realizadas. Sansão somente guardou sua pureza externa do voto de nazireu (e por fim quebrou até mesmo esse voto); a pureza verdadeira e interna seria demonstrada no último Juiz de Israel.

O propósito deste livro não é contar toda a história desde o seu início. Há um Livro que faz isso! Antes, seu objetivo é acompanhar o desenrolar da trama, analisar episódios centrais e fornecer um guia para a história subjacente de todas as histórias, de modo que possamos ver o Senhor da Palavra na Palavra do Senhor.

### Questões para estudo

1. Qual foi o último profeta a anunciar a vinda de Jesus?
2. Onde na Bíblia o nascimento de João Batista foi predito?
3. Com quem começa a genealogia de Lucas? Então, em que ponto a história efetivamente se inicia? Por quê?
4. O que é marcante na revelação divina quando comparada com qualquer outra história humana?
5. Que papel o povo de Deus tem no drama da redenção? Por quê?
6. Defina tipo. O que faz os tipos bíblicos peculiares?
7. Use Sansão como exemplo e explique como ele é um tipo de Jesus. Em que sentido ele é semelhante a Cristo e em que sentido é diferente?

### Questões para aplicação

1. “A história mais grandiosa já contada” é uma designação que tem sido aplicada à Bíblia. Você concorda com ela? De que outra maneira você poderia descrever a Bíblia?
2. Como a introdução a *Encontrando Cristo no Antigo Testamento* aumenta sua vontade de ler o restante do livro?
3. Você já chegou a pensar que ler o Antigo Testamento é como assistir a um filme em outro idioma sem as legendas? Se esse é o caso, como essa introdução altera a sua perspectiva sobre o Antigo Testamento? Ela cria em você o desejo de ler a Bíblia desde o início?
4. Sintetize em suas próprias palavras a tese que Clowney propõe em seu livro.
5. Leia 2Coríntios 12.5,9-11 e estabeleça a conexão desses versículos com a questão para estudo 5.